

INCLUSÃO DIGITAL NO CENTRO: CONSUMOS E PRÁTICAS ESTUDANTIS¹

ISABEL FERIN CUNHA

CIMJ - CENTRO INVESTIGAÇÃO MEDIA E JORNALISMO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FERNANDA CASTILHO SANTANA

DOUTORANDA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BOLSEIRA DO PROGRAMA DE DOUTORAMENTO CAPES, BRASIL

Resumo

Este artigo centra-se nos consumos e práticas digitais dos utilizadores de Espaços Internet da Região Centro, principalmente no distrito de Coimbra. A aplicação do inquérito sobre a utilização da internet nesses Espaços, realizada por estudantes do ensino superior da mesma área geográfica, foi acompanhada de protocolos de observação etnográfica. Os dados apurados demonstram que estes locais são predominantemente frequentados por jovens estudantes, incluídos digitalmente, que utilizam estes dispositivos com a finalidade de conviver através das redes sociais, elaborar trabalhos escolares e académicos e aceder a formas de lazer.

Palavras-chave

Práticas Digitais Estudantis; Coimbra; Consumos Digitais.

Introdução

Este trabalho resulta da investigação realizada na Região Centro no âmbito do Projecto *Inclusão e Participação Digital*. O trabalho de campo foi realizado entre Outubro e Dezembro de 2010, envolvendo 30 alunos do Mestrado (2º Ciclo) em Comunicação e Jornalismo, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A pesquisa de campo foi antecedida por um programa de leituras e sessões de treinamento que objetivaram a aquisição de conhecimentos em metodologias qualitativas, visando a aplicação do inquérito sobre a utilização da internet e a observação etnográfica dos cenários e ambientes observados. Neste contexto procurou-se capacitar os alunos para posteriores trabalhos de investigação a serem realizados nos mestrados académicos e em pesquisas direcionadas para os mercados.

A metodologia utilizada pelos alunos inspirou-se em procedimentos de *etnografia de escavação narrativa* (Krzek, 2003), os quais visam captar e registar o maior número de

¹ Texto escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

indicadores sociais possíveis nos curtos e eventuais momentos disponíveis de contacto com o público observado. Sublinha-se que as leituras realizadas pelos mestrandos foram acompanhadas de exercícios, nas aulas, de simulação que procuraram treinar os alunos na observação de espaços e na realização de entrevistas. A identificação dos locais onde aplicar os inquéritos ficou ao critério dos alunos, tendo como referência o sítio da Rede de Espaços Internet².

Nas sessões de treinamento sobre observação foram criadas grelhas de análise tendo em conta elementos de comunicação não-verbal, nomeadamente comportamentos interpessoais, apresentação do eu, linguagem, expressões faciais e corporais. Foram também categorizados elementos organizacionais tendo em consideração os centros digitais onde se processaria a pesquisa de campo. Neste contexto, pretendeu-se fundamentar a observação dos espaços de utilização da internet nas teorias de comunicação organizacional (Eisenberg, Goodall & Trethewey, 2007) que tendem a atribuir sentidos à disposição física dos espaços organizacionais, ora inibindo os funcionários e utentes, ora incentivando à interação e ao diálogo. Teoricamente apresentou-se o trabalho de campo como uma observação sistemática do local que incluía a descrição do espaço, ambiente organizacional, funcionários, rotinas (dos funcionários e dos utilizadores) e utentes. Este trabalho exigiu autorização das chefias e das instituições, a apresentação de uma carta expondo os objetivos da investigação, bem como a assinatura de um formulário designado como termo de consentimento, assinado por todos os respondentes ao inquérito.

A observação e a aplicação dos inquéritos decorreram nos seguintes locais: Biblioteca Municipal de Pombal; Espaço de Juventude de Pombal; Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Biblioteca Municipal de Coimbra, Junta de Freguesia de Esgueira/Centro Cultural; Espaço Internet Aveiro Digital; Biblioteca Municipal de Cantanhede; Biblioteca Municipal de Penacova; Junta de Freguesia de Santa Clara; Crazy Bowling-Coimbra; Biblioteca Central da Universidade de Coimbra; Biblioteca Municipal de Coimbra. Os mestrandos deslocaram-se aos locais três vezes, em três semanas e dias distintos, tendo cada aluno elaborado um diário de campo (ou retirado notas dos espaços observados) e aplicado uma média de três inquéritos.

Os espaços internet visitados localizam-se maioritariamente em Coimbra e têm características diferentes: uns pertencem a bibliotecas universitárias, outros a bibliotecas municipais e a juntas de freguesia e centros de juventude, ou ainda a escolas particulares. Neste contexto pode-se categorizar dois tipos de centros (pagos ou gratuitos): os que só têm acesso *wireless* no espaço e nos seus computadores; os que têm apenas este acesso no equipamento das suas salas. Identificam-se também dois tipos de utilizadores dos espaços internet: os que têm computadores portáteis e acedem à internet nos espaços com *wireless* gratuito e os que dependem dos computadores dos centros. Os primeiros utilizadores, segundo os registos de observação, são em geral mais autónomos na utilização das ferramentas informáticas e tendem a utilizar maior número de funcionalidades.

Verificou-se, também, que há um razoável número de utilizadores destes espaços que

2 Ver <http://www.rededeespacosinternet.pt>

têm acesso à internet em suas residências mas que optam por aquele serviço para se manterem em conexão constante, por motivos de trabalho ou de reforço das relações sociais. Desta necessidade de conexão constante dão conta muitas afirmações dos diários de campo, como a que se transcreve.

A partir do momento em que se arranja uma rede social como a Facebook, ficamos sempre meios malucos só de pensar que não atualizamos isto ou aquilo, ou que esta ou aquela pessoa já nos [está a] responder a algum comentário, ou que disse alguma coisa de uma foto ou ligação nossa.

(Ana, 19 anos)

Se a aplicação dos inquéritos não suscitou problemas de maior, alguns dos abordados recusaram responder por terem tempos limitados de acesso à internet, terem estes tempos pagos ou por terem agendas preenchidas de antemão. Outros responderam mas colocaram reticências a algumas respostas, ou por considerarem o inquérito demasiado longo, ou porque as perguntas lhes pareceram muito invasivas, sobretudo os questionamentos sobre salários auferidos, escolaridade dos pais e conteúdos e sítios consultados. Outro grupo mostrou-se disponível para responder pacientemente às questões, com segurança e rapidez. Estes comportamentos estão de acordo com a faixa etária dos inquiridos, sublinhando-se que os jovens, em especial os estudantes, se revelam mais disponíveis para colaborar, enquanto os mais velhos tendem a esquivar-se a responder. No entanto, a observação salienta que os jovens que se recusaram a colaborar com a pesquisa demonstram alguma espécie de dificuldade de interação social, perceptível na exigência verbalizada, múltiplas vezes, de responder apenas sobre anonimato - apesar de se ter assegurado este procedimento logo no início da aplicação do inquérito.

O trabalho desenvolvido procurou identificar as práticas e consumos de *media* e de internet dos estudantes da Região Centro, sobretudo da cidade de Coimbra, comparando-os com os resultados divulgados em relatórios de âmbito nacional. Saliente-se que a cidade de Coimbra é apontada como uma das melhores cidades do mundo em banda larga³, o que se deve às infraestruturas e ao acesso gratuito *wireless* à internet disponibilizado ao redor das faculdades através do projeto *Education Roaming*⁴.

A exposição traçará o contexto geral da Região Centro fundamentando-se em indicadores referentes à educação e ao desemprego disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística. Esboça-se, também, uma breve história da cidade de Coimbra enquanto pólo universitário, ressaltando as alterações do perfil sociológico do estudante nas últimas décadas. Este panorama estudantil visa contextualizar os dados recolhidos nos inquéritos já que mais de metade são jovens e frequentam, ou frequentaram, o ensino superior, conforme se aprofundará. Em seguida, procede-se à análise dos dados do inquérito, tendo como parâmetro os recolhidos a nível nacional pelo Observatório da Comunicação (Ober-

3 Ver http://www.akamai.com/html/about/press/releases/2011/press_042611.html

4 Ver <http://www.eduroam.pt/>

com, 2008, 2009, 2010) e as observações de caráter etnográfico realizadas no âmbito da aplicação dos inquéritos.

Região Centro: dados de contextualização

Em Dezembro de 2009, nas últimas estatísticas disponíveis, o Instituto Nacional de Estatística (INE) estimou a população residente em Portugal em 10 637 713 habitantes, distribuída pelo território numa média de 115,4 habitantes por km². Em termos de densidade populacional, observa-se um desequilíbrio no povoamento do país em decorrência de uma forte concentração populacional no litoral, na faixa compreendida entre Viana do Castelo e Setúbal, e também em alguns municípios algarvios, e densidades bastante reduzidas nos municípios do interior do país.

FIGURA 1: MAPA DA REGIÃO CENTRO



Fonte: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR).

A Região Centro integra regiões do interior e do litoral e, por consequência, áreas com grande densidade populacional (como Coimbra, Aveiro e Leiria) e áreas com crescente tendência à desertificação, como toda a região da Beira Interior, extremamente envelhecida. Esta região, que ocupa uma área de 23,6% do Continente está dividida em 100 concelhos que constituem a designada região da Beira (Litoral e Interior).

Esta Região é uma sub-região estatística pertencente à NUTS II (Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas) que divide Portugal Continental em Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve. A Região Centro compreende uma área de 28.200 km², com 84 habitantes por km²⁵ e uma população residente estimada em 2 381 068 habitantes. A proporção demográfica de jovens (0 a 14 anos) é de 13,8% e de idosos (65 e mais anos) é de 20,7%. No que diz respeito ao nível de escolaridade, a taxa bruta de escolarização do ensino superior é de 32,6%, conforme a Tabela 1.

TABELA 1: NÍVEIS DE ESCOLARIDADE E NÚMERO MÉDIO DE ALUNOS POR COMPUTADOR NA REGIÃO CENTRO

Indicador	Valor	Ano
Taxa bruta de pré-escolarização	92.7%	2008/2009
Taxa bruta de escolarização do ensino básico	129.6%	2008/2009
Taxa bruta de escolarização do ensino secundário	151.6%	2008/200
Taxa bruta de escolarização do ensino superior	32.6%	2009/2010
Taxa de retenção e desistência no ensino básico	6.5%	2008/2009
Taxa de transição/conclusão no ensino secundário	81.7%	2008/2009
Número médio de alunos por computador	2.1	2008/2009

Fonte: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC).

A taxa de desemprego nacional fixou-se em 9,6% em 2009, de acordo com os dados do INE. A Região Centro era uma das áreas com menor índice de desemprego no continente, uma vez que a mesma taxa se situava nesse ano em 6,9%. Este índice tende a aumentar devido à conjuntura económica nacional e europeia, tendo em vista que no último trimestre de 2010 a taxa de desemprego nacional divulgada pelo INE se fixou nos 11,1% e em Maio de 2011 os valores divulgados, embora calculados com nova metodologia, se situavam nos 12,4%. Ainda em relação ao mercado de trabalho e aos índices económicos, o número de empresas na Região Centro era de 237 534 em 2009 e a densidade das empresas era de 8,4 por quilómetro quadrado.

Cidade universitária e estudantes

O sistema de ensino superior em Portugal tem sofrido profundas mudanças nas últimas duas décadas, tal como noutros países europeus. Estas alterações decorrem de mudanças estruturais nas sociedades ocidentais, nomeadamente da expansão das classes médias

5 A maior parte da população está concentrada nos municípios do Litoral.

assalariadas e da reformulação do modelo económico europeu focado, até ao momento, em serviços e indústrias de grande valor tecnológico acrescentado. Estes fatores impulsionaram o acesso de estudantes filhos das classes trabalhadoras ao ensino superior, promovendo a democratização da universidade (Nunes e Estanque, 2003). A universidade deixou de ser símbolo de uma instituição de elites.

Como escreve Eco (2007), referindo-se à realidade italiana, houve um tempo em que só os filhos dos diplomados tinham acesso ao ensino superior, mas hoje a universidade italiana tornou-se uma instituição de massas, onde chegam estudantes de todas as classes, provenientes de todos os tipos de escolas secundárias. Em Portugal assiste-se a um fenómeno semelhante sendo que

ao mesmo tempo, essa expansão exprime as novas contradições com que se debate o sistema de ensino superior. Desde logo, tornaram-se maiores as pressões do mercado e as exigências de produção de um conhecimento aplicado e economicamente útil. Paralelamente, tornaram-se, a nosso ver, mais prementes os problemas que se prendem com a responsabilidade social e cultural da Universidade na produção de massa crítica capaz de contribuir ativamente para a transformação da sociedade.

(Nunes e Estanque, 2003:6)

O Processo de Bolonha, que consiste na criação de uma área europeia de ensino superior, veio culminar este processo de massificação. A partir de 1999, ano de assinatura da Declaração de Bolonha, as universidades europeias comprometeram-se a adotar as políticas acordadas pelos Ministros da Educação de 29 países. O Processo de Bolonha propõe uma “Europa do conhecimento”, fundada na reorganização do sistema de ensino superior em todas as universidades dos países envolvidos, o que envolve algumas medidas fundamentais: um sistema com graus académicos de fácil equivalência; um sistema baseado essencialmente em três ciclos de estudo, sendo o 1º ciclo a pré-licenciatura, com duração de três anos, o 2º ciclo (pós-licenciatura) e o 3º ciclo (doutoramento); um sistema de créditos único (ECTS); o incentivo à mobilidade de estudantes e professores; e o intercâmbio de critérios e metodologias.

Ainda está por avaliar o impacto que estas alterações no ensino universitário tiveram nas universidades portuguesas e no perfil sociológico dos estudantes, nomeadamente na Universidade de Coimbra (UC), a mais antiga de Portugal e da Região Centro, com mais de 700 anos de história. Um dos símbolos do conhecimento, a Universidade de Coimbra teve um papel fundamental na História do país, principalmente na formação das elites políticas, culturais e intelectuais. Durante muitos séculos, não apenas pelos conhecimentos transmitidos e pela formalidade dos títulos académicos, a simples frequência na mais prestigiada universidade do país garantia um elevado *status* (Estanque, 2011:399). Estudar nesta instituição significava participar de um grupo de estudantes que construiu uma identidade própria e particular durante muitos séculos. Conforme Estanque (2011), o peso da história, juntamente com a estreita imbricação entre a universidade e a cidade, contribuiu para construir ao longo do tempo uma identidade particular – a cidade universitária.

A identidade dos alunos de Coimbra tornou-se mais forte ao longo do século XIX, por conta das tendências europeias de discussões políticas e debate público de cunho progressista. As constantes reuniões nos cafés da cidade, as “tertúlias”, fomentavam um estilo de vida boémio entre os estudantes e o desenvolvimento do espírito crítico por meio dos ideais republicanos e socialistas (Estanque, 2011:400).

Se até ao início do século XX apenas os filhos dos diplomados tinham acesso ao ensino superior, no início do século XXI esses padrões modificaram-se completamente. Hoje o ensino superior está preenchido por todas as classes, inclusive pelos filhos dos trabalhadores conforme estudo de Nunes e Estanque (2003), que classifica as origens geográficas e de classe da população estudantil da UC e que estima que do total dos estudantes inquiridos, 33,1% dos pais pertencem à classe de trabalhadores não-qualificados, 13,7% são técnicos não-gestores e trabalhadores semiqualeificados, 14,7% são supervisores, 7,6% são gestores, 12% são trabalhadores por conta própria e 18,9% são empregadores.

No entanto, é preciso ressaltar que o acesso de um número significativo de filhos de trabalhadores ao ensino superior não significa necessariamente um processo de mobilidade ascendente. A recomposição social resulta simultaneamente de efeitos da mudança estrutural e de novos canais de oportunidade, mas estes nunca são iguais para todos (Nunes e Estanque, 2003:15). O mesmo estudo dá conta da descrença generalizada da juventude estudantil face ao futuro e a frustração frente ao presente que refletem as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, a desvalorização de determinadas competências e saberes científicos, bem como a reestruturação de carreiras profissionais como as associadas ao ensino secundário, ao Direito ou à enfermagem. De acordo com a análise dos resultados da pesquisa de Estanque (2011: 406), 66,5% dos estudantes nunca foram a uma assembleia magna; 69,8% nunca participaram numa manifestação estudantil; 71,2% jamais aderiram a qualquer outro tipo de manifestação pública.

Uma outra questão a observar na análise do perfil da juventude estudantil em Coimbra é a forte presença feminina no ensino superior, que teve início nos finais do século XX (Estanque, 2008: 410). Ainda outro agente de mudança é a regionalização das universidades e, por conseguinte, da população estudantil do ensino superior. A Universidade de Coimbra, que foi até à década de 1980 um pólo de ensino procurado por jovens de todo o país, veio paulatinamente a perder essa atratividade por conta das inúmeras universidades e institutos superiores fundados nas últimas décadas do século passado. De momento, 63% dos alunos da UC são provenientes da Região Centro, principalmente do concelho e do distrito de Coimbra, o que tem como consequência os jovens retornarem à casa dos pais no final do dia (Estanque, 2011: 412).

Sublinha-se, no entanto, que a marca fundada na tradição e na história da Universidade de Coimbra tem vindo a exercer crescente atratividade entre os estudantes dos países de língua portuguesa, nomeadamente entre os estudantes das universidades brasileiras.

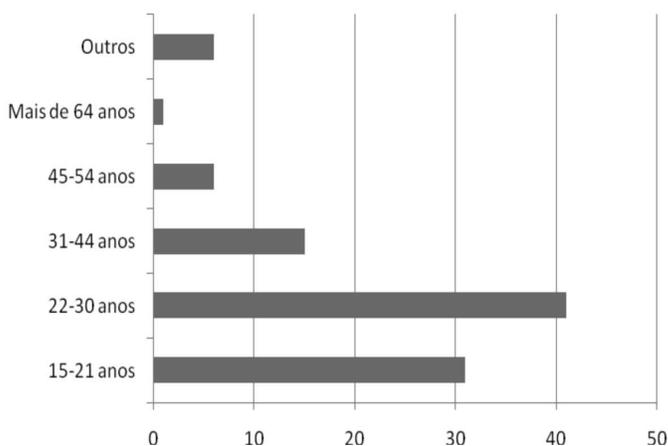
Perfil e consumos dos inqueridos

A pesquisa sobre as utilizações da internet foi realizada entre Outubro e Dezembro de 2010, envolvendo 156 pessoas distribuídas pela Região Centro. Localizaram-se maiori-

tariamente em Coimbra — por razões logísticas inerentes aos estudantes do 2º ciclo em Comunicação e Jornalismo que aplicaram os inquéritos e realizaram a observação sistémica individual — os espaços pesquisados, o que veio a condicionar os resultados. Os locais observados foram em grande parte bibliotecas universitárias e municipais, bem como centros de juventude situados naquela cidade que disponibilizam, entre outros serviços, a utilização de computadores e o acesso livre à internet.

Em relação ao perfil dos inquiridos, no Gráfico 1 podemos observar a sua distribuição por idade. Os dados revelam que os utilizadores entrevistados destes espaços internet são maioritariamente jovens (72%) entre os 15 e os 30 anos, o que coincide com o perfil etário dos utilizadores da internet apurado pelas pesquisas do Observatório da Comunicação (Obercom, 2008, 2010), que se situam entre os 15 e os 35 anos e constituem cerca de 61,9% dos internautas.

GRÁFICO 1: IDADE DOS FREQUENTADORES DOS ESPAÇOS INTERNET



Fonte: Projecto *Inclusão e Participação Digital*; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Há um equilíbrio em relação ao género dos entrevistados, sendo que 47% são mulheres e 53% são homens, em acordo com os inquéritos de âmbito nacional realizados pelo Obercom (2008, 2010) que também referem uma ligeira supremacia de utilizadores do género masculino: 51,3% face às mulheres, 48,7%.

Os dados sobre o nível de escolaridade dos entrevistados mostram que 54% está a frequentar o ensino superior ou já é licenciado. Dos demais, 10% têm o ensino secundário completo, 12% o ensino secundário incompleto, 7% o 3º ciclo, outros 7% o 2º ciclo e os restantes 7% apenas o 1º ciclo. Ao cotejar esta informação com os dados apurados pelo Obercom relativamente à utilização da internet por ocupação profissional constatamos que os estudantes apresentam o maior valor percentual de utilização (96,1%). No extremo oposto encontram-se os pensionistas e reformados (5,1%), que não têm representação nos inquéritos realizados nestes espaços de internet da Região Centro.

A maioria dos inquiridos – 56% – não soube responder ou não se sentiu à-vontade em relevar qual é o rendimento mensal familiar. Dos restantes, 14% têm rendimentos mensais de menos de um salário mínimo, 16% de 475 a 700 euros, 8% de 701 a 1000 euros, 3% de 1001 a 1500 euros, 1% de 1501 a 2000 euros e 2% de mais de 2000 euros. Apesar de representar apenas cerca de metade dos inquiridos, os baixos rendimentos mensais demonstram que os jovens estudantes da Região Centro vivem com orçamentos apertados, o que tende a refletir o estatuto social das famílias descrito por Estanque (2011).

Em relação ao país de origem dos 156 entrevistados, 129 são portugueses, 11 são brasileiros e os restantes nasceram noutros países: França (3), Guiné-Bissau (2), São Tomé e Príncipe (2), Suíça (2), Angola, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos e Venezuela (1 em cada). Apesar de 84% dos entrevistados serem portugueses, observa-se uma diversidade nos países de nascimento dos restantes entrevistados. Esta realidade constitui o panorama da Região Centro, e dos estudantes de Coimbra, onde se concentram muitos estudantes oriundos de famílias portuguesas que migraram para países europeus e da América do Sul, e que enviam os seus filhos para estudar na mais antiga universidade de Portugal. Os respondentes oriundos dos PALOP e do Brasil são imigrantes e estudantes, sendo que a maioria trabalha, custeando assim os seus estudos. Muitos destes cidadãos estão em Portugal há muitos anos, mas 54% chegaram há menos de cinco anos.

Consumos dos media e convergências

Os diversos trabalhos sobre os consumos dos Portugueses (ERC, 2008; Obercom, 2009, 2010) atribuem ainda um grande peso à televisão, como meio privilegiado de informação e entretenimento. No entanto, a televisão e a forma de ver televisão está num processo de mudança acelerada. Como se escreve no relatório do Obercom intitulado *Ecrãs em Rede, Televisão, tendências e perspectivas*, a televisão define-se por múltiplos ecrãs onde se acede a conteúdos semelhantes por meio de dispositivos diferenciados. Mesmo assim, é pela televisão que os inquiridos dizem ter mais acesso a informação nacional, pelos jornais acedem a informação local — que está associada, também, à comunicação interpessoal — e através da internet adquirem informação internacional. Parece, por isso, existir alguma especialização na utilização dos meios de comunicação e nas competências que cada utilizador atribui a esses meios.

TABELA 2 - MEIOS UTILIZADOS PARA ENCONTRAR INFORMAÇÃO

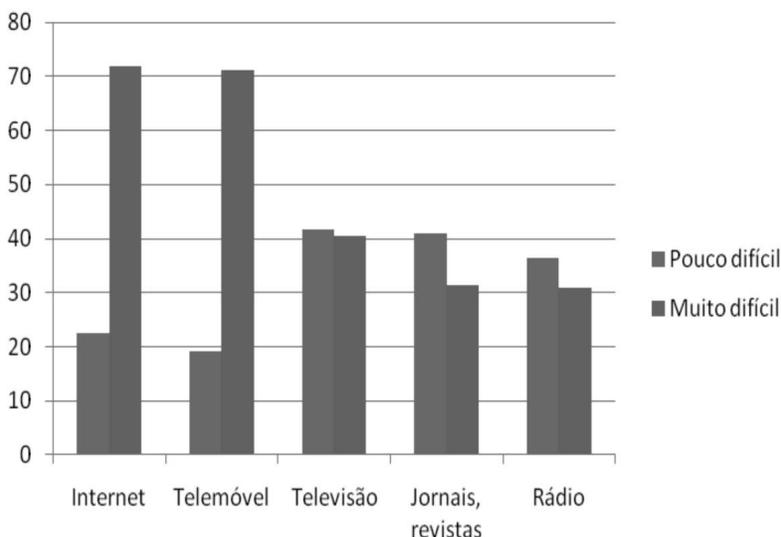
Como fica a saber informações sobre cada um dos seguintes locais (N=151, %)	Jornais	Rádio	TV	Internet	Pessoas
Cidade onde resido	51	20	31	33	53
Portugal	40	29	70	60	22
Outros países	32	14	63	69	17
País de origem (imigrantes)	3	3	8	12	6

Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Depreende-se, assim, que se consomem conteúdos na televisão (digital, HD, analógica) mas também em ecrãs de computador. Ao mesmo tempo, e como vários autores referem (Roberts, Foehr e Rideout, 2005; Obercom, 2009), há uma tendência crescente de utilização dos *media* em regime de *multitasking*, o que quer dizer que os consumidores/utilizadores tendem a consumir e a utilizar diversos *media* — e dentro destes a executar múltiplas tarefas — em simultâneo. Estas tendências são perceptíveis nas respostas sobre os usos dos *media*, mas a aplicação do inquérito em locais de acesso público à internet, e não em casa, não permitiu aferir quantitativamente estes procedimentos. Além do mais, como a observação etnográfica demonstrou, os locais de acesso à internet, públicos e privados, são regulados por normas internas. Entre estas estão o cumprimento de determinados códigos de conduta, a utilização por tempo limitado dos equipamentos, no sentido de permitir maior rotatividade entre utilizadores, e o acesso condicionado a determinados sítios ou programas.

Os resultados obtidos na aplicação do inquérito relativos aos equipamentos disponíveis nos agregados familiares demonstram que 94% dos respondentes — no relatório do Observatório da Comunicação, relativo a 2009, os valores situam-se nos 99% — possuem televisão em casa, sendo que 59% recebe via satélite. No entanto, quando inquiridos sobre a importância dos dispositivos para a sua vida pessoal e qual deles seria mais difícil de abdicar, a internet surge em primeiro lugar (71,8%), seguida do telemóvel (71,2%) e só em terceiro lugar se regista a televisão (40,4%), como se vê no Gráfico 2.

GRÁFICO 2: ATÉ QUE PONTO SERIA DIFÍCIL DEIXAR DE USAR...



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*, Ferin Cunha e Castilho, 2011

Esta necessidade de aceder à internet e se manter conectado(a) é ilustrada por uma das afirmações recolhidas nos centros de internet.

Deus me livre de viver sem internet, não quero nem me apetece ser uma totó, infoexclusão não, muito obrigada, e quem não usa a internet não vive neste mundo, vive numa realidade paralela.

(Catarina, 22 anos)

O uso combinado da internet e do telemóvel está também bem explícito nas conversas registadas nos mesmos locais, por exemplo no comentário de um dos estudantes:

Já perdi as contas às vezes que vou à internet por dia e quando não tenho computador à mão ou local com wireless, existe o telemóvel, pago um pouco mais de mensalidade à rede e tenho internet para usufruir.

(Carlos, 21 anos)

Nos inquéritos, observa-se que 58% dos respondentes possui telefone fixo, face aos 97% que dizem possuir telemóvel, uma percentagem superior à nacional, estimada em 89,7% em 2009 (Obercom, 2009), o que comprova o uso universalizado deste último dispositivo, já referido em outros relatórios (Obercom 2009, 2010). Por outro lado, nota-se que muitos dos inquiridos têm computador de secretária (64%) e computador portátil (81%), sendo que há uma preferência pelo uso deste último. Estes dados diferem dos apurados no relatório de 2009 do Obercom, na medida em que este estimava um maior número de computadores de secretária (44,5%) do que portáteis (25,7%), mas é preciso ter em consideração que os nossos valores advêm de inquéritos realizados a uma população onde predominam os estudantes universitários. Salienta-se que, apesar de se tratar de uma população jovem, a utilização de consolas é bastante restrita (34%), e mais ainda o número daqueles que a têm com ligação à internet (10%).

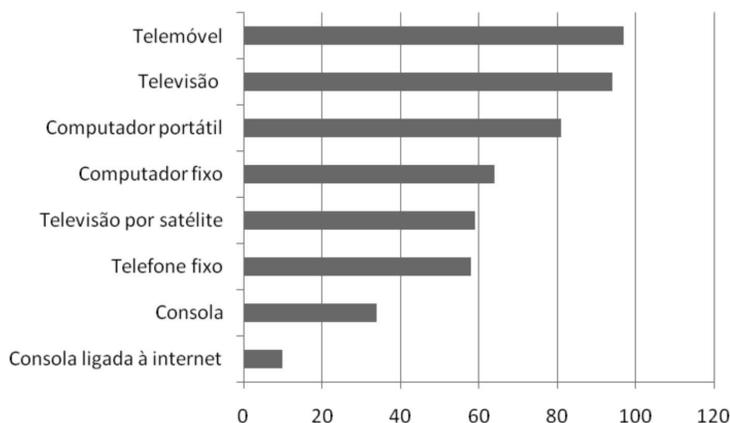
Estes resultados deverão ser contextualizados no quotidiano de grande parte dos entrevistados, estudantes universitários, que ficam alguns dias em Coimbra, em quartos e residências estudantis e para os quais o computador portátil e o telemóvel são ferramentas fundamentais de trabalho. A mesma realidade envolve outros estudantes entrevistados em outras localidades da Região Centro. Já a televisão é, neste contexto, um dispositivo doméstico que encontram na casa de família e nos locais onde temporariamente habitam.

Nas conversas paralelas à aplicação dos questionários grande parte dos inquiridos parece estar de acordo com a ideia que o computador com acesso à internet acabará por substituir a televisão, a rádio, os jornais e as revistas. Esta perceção aponta para uma incorporação da cultura de convergência, no sentido de perceber as transformações tecnológicas, a fluidez dos conteúdos através de múltiplas plataformas, assim como a capacidade interativa dos utilizadores.

A internet manda em tudo, manda até demais, acho que futuramente vai tudo desaparecer à pala da Internet, os livros vão desaparecer porque preferimos todos ir pesquisar que é mais fácil até para fazer o copy paste, as bilheteiras também vão desaparecer, falo até por mim (...) não gosto de ir para a fila comprar as coisas, falo pelos bilhetes do autocarro, mas incluo também os bilhetes para o teatro, cinema, música, futebol, entre outras coisas

(Catarina, 22 anos)

GRÁFICO 3 – ACESSO AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO



Fonte: Projecto Inclusão e Participação Digital; Ferin Cunha e Castilho, 2011

No entanto, esta percepção não invalida que os orçamentos condicionados, que em grande parte são referidos na observação etnográfica e nos comentários que contextualizaram a aplicação das entrevistas, não permitam outros consumos mediáticos, como por exemplo os canais de televisão pagos e as consolas, conforme se observa no Gráfico 3.

Acesso à internet e práticas digitais

Apurou-se que das 156 pessoas inquiridas, 123 (79%) têm acesso à internet em casa, um valor que é superior ao estimado para o país em 2010 pelo Obercom (51,2%). Observa-se, no entanto, que os respondentes acedem à internet também em locais públicos, tais como escolas, universidades, cybercafés e bibliotecas (Figura 2). Alguns dos entrevistados enfatizam (em conversas registadas na aplicação dos questionários) que os locais públicos têm vantagens económicas (não se paga o acesso) e sociais (permitem confraternizar e conhecer outras pessoas), enquanto o acesso em casa tende a isolar os internautas, sobretudo quando estes têm de passar muitas horas *online*. Os diários de campo registam ainda que muitas vezes as bibliotecas, municipais ou da junta de freguesia, são utilizadas como ponto de encontro, de colegas, amigos ou como lugar onde os pais vão buscar os filhos após terminarem o seu horário de trabalho. Esses locais são utilizados por serem protegidos, terem salas de convívio

a par das salas de leitura e permitirem aos jovens fazerem os trabalhos académicos e às crianças os trabalhos de casa utilizando a internet. Deve-se, ainda, ressaltar que a internet é também aí utilizada para divertimento, busca de emprego, por quem está desempregado.

Nota-se ainda que consultar a internet em casa de amigos ou familiares é uma situação normal para 61 pessoas (40%), sendo que a utilização via telemóvel é restrita (39 pessoas, 26%) e sempre realizado em situações pontuais, dado o facto de ser um serviço caro.

TABELA 3: LOCAIS DE ACESSO À INTERNET (ESCOLHA MÚLTIPLA)

Acesso à internet	N=151 (%)
Em casa	81
Local de trabalho	24
Escola ou Universidade	57
Cibercafé	33
Em casa de um amigo ou familiar	40
Telemóvel	26
Biblioteca	47

Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Há um conjunto de funcionalidades criativas que a maioria dos inquiridos diz realizar, tais como carregar fotos e música, criar o perfil e página em redes sociais ou ainda fazer comentários em *blogs* e *sites* (Tabela 4). Nota-se, ainda, que apesar de ser reduzido o número de inquiridos que diz ter entrado em contato com políticos (8%), cerca de metade (51%) já assinou petições públicas. Os resultados divulgados pelo Obercom/*Cies Research Team* através do Projeto *Portugal in the Network Society 2010* tinham já verificado que, entre as atividades com mais relevância, realizadas semanalmente, estavam o carregamento de fotos e de música, bem como de filmes e vídeos.

TABELA 4: CRIAÇÃO DE CONTEÚDOS E PARTICIPAÇÃO DIGITAL

Usos da internet relacionados com criação de conteúdos e participação digital (%)	Fiz	Interesse em fazer	Sem interesse	NS/NR
Carregar fotos, vídeo, música num site	80	8	6	2
Criar a minha própria página/perfil numa rede social	81	4	9	1
Fazer comentários que contribuam para o blog ou página de rede social de outra pessoa	81	5	9	2
Assinar uma petição online	51	15	23	6
Construir o meu próprio site	22	36	35	4
Construir o meu próprio blog	31	26	40	4
Contribuir para um site colaborativo (p.e.:Wikipedia)	10	40	38	8
Contactar um político online	8	24	59	4

Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Os dados apurados no inquérito demonstram ainda que a internet é utilizada principalmente para consultar o *e-mail* (76%), o *Messenger* (60%) e redes sociais (55%) (Figura 4). Ao mesmo tempo este dispositivo é pouco utilizado para pagar compras e serviços ou preencher formulários de carácter público. Os inquiridos dizem, ainda, que não jogam *online* muito frequentemente, assim como não produzem conteúdos para divulgação, nem realizam chamadas *online*. Há ainda um número considerável que refere a consulta de materiais *online* com a finalidade de elaborar trabalhos escolares/universitários (48%) e de aceder a informação desportiva, política e económica.

Os dados apurados neste inquérito conferem com os obtidos no relatório do Projecto *Portugal in the Network Society 2010*, onde 80% consulta regularmente o *e-mail* (56,5% diariamente e 27,5% semanalmente), 70% o *Messenger* ou programas semelhantes de mensagens instantâneas e 51% as redes sociais.

Os diários de campo que registaram os quotidianos de consultas nos centros de acesso à internet referem que os utentes distinguem entre os conteúdos acedidos em casa e os consumos realizados em locais públicos. Por outro lado, os mesmos diários assinalaram que alguns utentes mudam de ecrã quando são abordados, procurando esconder atividades lúdicas, como os jogos. Esta dificuldade em verbalizar o consumo de jogos está, provavelmente, também presente no resultado apurado no relatório atrás referido, onde apenas 29% (13% diariamente) dos inquiridos afirma jogar *online*.

Eu não uso muito a internet para trabalho, também não os tenho, às vezes tenho umas coisas, mas nada de importante. Uso é para jogos, ver séries, vídeos e para o meu Facebook que quero que esteja sempre actualizado (Sara, 16 anos)

TABELA 5: OBJECTIVOS DA UTILIZAÇÃO DA INTERNET

Utiliza a internet para (%):	Nunca	Raramente	Regularmente	Frequentemente	NS/NR
Pagar serviços/formulários	61	15	9	10	4
Pagar compras (livros, viagens, etc.)	40	34	17	4	4
Jogar online	38	28	18	12	4
Ver informação sobre política, economia (jornais, TV, etc.)	12	17	33	34	3
Ver informação sobre desporto, música, celebridades (jornais, TV, etc.)	7	15	37	38	3
Publicar informação (blogs, comentários em sites noticiosos)	29	29	22	16	3
Participar em redes sociais (Facebook, Hi5, Twitter, etc.)	10	7	24	55	3
Consultar o e-mail	0	5	16	76	3
Utilizar programas de mensagens instantâneas (Messenger, etc.)	3	10	24	60	3
Participar em fóruns	40	32	17	7	3
Aceder a informação para elaborar trabalhos da (escola/profissão)	6	10	31	49	4
Produzir conteúdos para divulgação pela internet	41	33	13	8	5
Ver vídeos (p.e.: Youtube)	3,8	11	40	39	5
Fazer chamadas telefónicas pelo computador	49	25	13	9	4
Fazer downloads de música ou de filmes	21	18	21	36	4

Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*, Ferin Cunha e Castilho, 2011

Relativamente à aprendizagem dos usos da internet, a maioria dos inquiridos da Região Centro afirma que aprendeu sozinho, o que está de acordo com a idade dos inquiridos, maioritariamente jovens entre os 15 e os 30 anos, salientando-se, ainda que entre os mais jovens há alguns que referem ter apreendido na escola, em disciplinas vocacionadas para o ensino de tecnologias de informação. Amigos e colegas são mais referidos do que familiares pertencentes a gerações mais velhas.

TABELA 6: COM QUEM APRENDEU A USAR A INTERNET

Quem o ensinou a usar a internet	N=152 (%)
Ninguém, aprendi sozinho	68
O meu irmão/irmã	9
O meu namorado(a)	0,6
Amigos ou colegas	13
O meu pai	3
A minha mãe	2
O(a) professor(a) da escola	17
O meu filho/neto	2
Outra pessoa	3

Fonte: Projecto Inclusão e Participação Digital; Ferin Cunha e Castilho, 2011

O quadro referente aos comportamentos na internet apresenta resultados que indicam a declaração de uma grande preocupação com os procedimentos que garantem a segurança pessoal e a utilização correta dos conteúdos (Tabela 7). Os inquiridos respondem a todas as perguntas dentro de uma lógica do “politicamente correcto”, ao responderem que verificam a fiabilidade da informação, bloqueiam publicidade, apagam o rasto em sítios visitados e evitam expor a sua privacidade em redes sociais.

TABELA 7: COMPORTAMENTOS DE CONTROLO DE RISCOS E DE SEGURANÇA NA INTERNET

Comportamentos na internet	N=141 (%)
Comparar <i>sites</i> diferentes para verificar se a informação é verdadeira	65
Marcar um site, ou seja, adicioná-lo aos “Favoritos”	86
Bloquear publicidade indesejada ou lixo eletrónico	70
Apagar o registo dos <i>sites</i> que visitou	72
Alterar as definições de privacidade no perfil de uma rede social	81

Fonte: Projecto Inclusão e Participação Digital; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Mas essa lógica do “politicamente correcto” entra por vezes em contradição com comportamentos pouco cívicos como é relatado num diário de campo no momento em que foi abordada a questão dos danos e roubos verificados numa das bibliotecas universitárias.

Danificar e roubar? Isso é normal. Metem aqui computadores do século passado com uma net lentíssima e uma pessoa desespera! Depois despeja o desespero em cima do computador e ele não resiste. E quanto aos roubos [pausa] não sou totalmente contra, porque tendo em conta que pagamos um balúrdio em propinas, o que está na escola é nosso e como tal se um aluno precisar de um rato para o computador de casa, não vejo qual é o mal... (Dora, 23 anos).

Assim, as respostas verificadas na Tabela 7 entram em contradição com afirmações que apontam para a necessidade de fazer consultas rápidas, nomeadamente a sítios onde se encontram trabalhos académicos ou ainda com a necessidade expressa por alguns dos inquiridos de se apresentar ou alargar os seus contatos nas redes sociais. Por exemplo, no que toca à elaboração de trabalhos académicos, alguns dos entrevistados consideram que deveria existir formas de certificar a informação disponibilizada:

Devia haver meios para certificar isso (as informações) porque a internet é o futuro e tem de ser cada vez melhor.

(João, 16 anos)

Uma das conclusões que emergem da observação dos espaços de internet que são simultaneamente bibliotecas é que não se verifica a consultas de livros. Os depoimentos corroboram esta observação sobretudo porque alguns inquiridos afirmaram que consideram a consulta de livros impressos um desperdício de tempo.

Se for para a biblioteca pesquisar livros e lê-los todos, acabo por ficar sem tempo para fazer nenhum, ler tira muito tempo, se fizer as pesquisas pela internet faço os trabalhos com mais rapidez, o Google quase que faz o trabalho todo para mim, só preciso de alterar algumas frases e termos, outros conceitos que aplico são com base nos apontamentos que tiro nas aulas.

(João, 19 anos)

Este depoimento aponta para novas formas de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos dos estudantes, mas levanta questões como a relevância da informação impressa (por exemplo, manuais escolares e universitários), a idoneidade da informação consultada, a ética nos procedimentos de consulta, tal como o plágio em trabalhos de âmbito escolar e universitário.

O Google tem tudo, tem imagens se forem precisas, tem uma seção de livros, logo não precisamos de ir perder tempo para a biblioteca, e tem uma área mais geral onde podemos aceder a vários sites e blogs, para mim a internet está a contar os dias dos livros

(Manuel, 18 anos)

Assinala-se ainda que há uma consciência clara do papel da internet nas escolas e nas universidades:

A internet é uma ferramenta muito importante nas universidades, os alunos para além de fazerem pesquisas bibliográficas também precisam da internet para se desenrascarem, as universidades utilizam este meio como uma ferramenta de trabalho, através do moodle, do e-learning, entre outros, é só aí que os professores atualizam as matérias e apoiam os alunos...

(Vera, 20 anos)

Como se verifica na Tabela 8, sobre a internet e relações sociais, as redes sociais tendem a reforçar os laços familiares quando as famílias se encontram separadas por alguma razão, mas também contribuem para o alargamento dos contactos ao facilitar a identificação de pessoas com os mesmos interesses.

Para alguns, por exemplo imigrantes, a socialização virtual é a única forma de contactar familiares ou integrar grupos e construir um lugar de pertença.

É útil porque é uma maneira de eu falar com a minha família e todos os meus amigos que estão no Brasil.

(Sheilla, 28 anos)

Alguns jovens referem ainda frequentar os espaços de internet para manter as suas relações sociais.

No colégio os computadores não têm acesso às redes sociais e aqui há, e é uma coisa importante porque, como qualquer jovem da minha idade, gosto destas coisas.

(Ricardo 17 anos)

Mas outros consideram uma obrigação, um dever ou uma coação social, a utilização das redes sociais.

Eu não gosto de usar a internet, perco tempo, fico logo farta, mas é prático para as pesquisas académicas, além de que todos na minha turma têm Facebook, é uma forma de comunicação forçada com os amigos.

(Maria, 20 anos)

TABELA 8: INTERNET E REDES DE SOCIALIZAÇÃO

Desde que começou a usar a internet aumentou, manteve ou diminuiu o seu contacto com as seguintes pessoas. N=152 (%)	Aumentou	Manteve	Diminuiu	NS/NR
Amigos e família que vivem longe	63	31	1	3
Amigos e família que vivem perto	29	61	1	6
Pessoas com quem partilha os mesmos interesses pessoais e passatempos	49	45	1	3

Fonte: Projecto Inclusão e Participação Digital; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Para a maioria dos inquiridos, a internet é sobretudo valorizada como ferramenta de trabalho, instrumento de lazer e só por último, é um dispositivo útil para manter ativa a vida social, o que aponta simultaneamente para a existência de densas redes sociais face a face, reforçadas pelas redes sociais (Tabela 9).

TABELA 9: PERCEPÇÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE A UTILIDADE DA INTERNET

Indique a sua concordância ou discordância com as seguintes frases sobre a utilidade da internet. N=152 (%)	Concordo totalmente	Concordo	Neutral	Discordo	Discordo totalmente	NS/NR
Acho que a internet é útil no meu trabalho	56	27	7	2	5	3
Acho que a internet é útil para manter ativa a minha vida social	25	35	25	5	8	3
Acho que a internet é útil para pôr em prática os meus passatempos e encontrar entretenimento	31	39	22	4	1	3

Fonte: Projecto Inclusão e Participação Digital; Ferin Cunha e Castilho, 2011

Cerca de um terço dos inquiridos considera, ainda, que usar a internet é divertido, mas por vezes pode chegar a ser frustrante. Quase todos têm uma opinião favorável (agradável) sobre o seu uso, como se observa na Tabela 9, sobre a utilidade da internet. Por último é importante referir que os depoimentos revelaram que as aprendizagens das ferramentas informáticas foram feitas de maneira autodidacta por parte dos utilizadores e, durante as entrevistas, a afinidade dos entrevistados com a temática.

Notas conclusivas

Os dados apresentados acerca do consumo dos *media* e das práticas digitais resultantes dos inquéritos aplicados na Região Centro de Portugal apontam para uma tendência do consumo dos *media* em regime *multitasking*, ou seja, utilização de diversos *media* em simultâneo e, dentro destes, a execução de múltiplas tarefas. Se a televisão é ainda um

meio privilegiado de informação e entretenimento, em contrapartida a maneira de ver televisão está em progressiva mudança, em correlação com a busca de conteúdos televisivos em ecrãs móveis. Embora a amostra tenha sido exploratória e não permita generalizações, os dados apurados nos inquéritos da Região Centro não diferem dos apresentados no Relatório de Utilização da Internet em Portugal (2010).

Na análise do perfil e consumos dos inquiridos nota-se que os utilizadores dos locais observados – situados maioritariamente em Coimbra em espaços como bibliotecas universitárias e municipais ou em centros de juventude – são em sua maioria jovens entre os 15 e os 30 anos. É importante salientar que a análise dos dados, sobretudo dos recolhidos nos diários de campo, apresentam uma imagem das práticas estudantis no que toca à utilização dos *media* e dos dispositivos digitais. Salienta-se neste sentido a dependência que os jovens dizem ter relativamente ao telemóvel e à internet e as diversas utilidades que conferem ao computador. É também notório que os jovens são maioritariamente incluídos digitalmente visto terem acesso à internet, aos seus conteúdos, aos *e-mails*, às linguagens básicas e aos instrumentos para usar a rede, bem como ao acesso às técnicas de produção de conteúdos e à construção de ferramentas e sistemas voltados às comunidades.

Neste cenário, um aspeto metodológico importante a referir é a contribuição da relação entre os pesquisadores e os atores sociais. Como mencionado, os estudantes treinados para observar e aplicar os inquéritos encontravam-se na mesma faixa etária dos inquiridos. Portanto, nota-se que a estreita relação entre pesquisador/ator social pode ser observada como recurso ao jogo relacional da investigação (Ranci, 2005). Neste caso, a prática metodológica de jovens a inquirir jovens contribuiu para o acesso aos atores sociais e o estreitamento de relações que resultam em respostas mais próximas ao verdadeiro pensamento dos entrevistados.

No entanto, na perspetiva da inclusão digital, estes estudantes ainda poderão aumentar bastante as suas capacidades de produtores de conteúdos e de saber tirar partido do potencial interactivo dos *media* digitais.

Convém ainda referir que estes indicadores de inclusão podem envolver práticas que devem suscitar reflexão e intervenção, tais como as dependências face às redes sociais ou procedimentos pouco éticos ou escrupulosos, relativos à aquisição de conhecimentos.

Por último, vale ainda referir que a formação de novos investigadores perpassa exercícios de aplicação de métodos de investigação como estes, requisito funcional para a actuação completa da pesquisa, ao mesmo tempo que age como factor de definição do objecto de pesquisa. O ensino deste processo de natureza interactiva operou como desafio aos alunos a partir na inserção da actividade de observação e aplicação de inquéritos no âmbito da disciplina de metodologias.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, J.D. (2010). *Alternative media and politics of resistance: a communication perspective*. New York: Peter Lang.
- BURÉ, C.E. (2005). Digital Inclusion without social inclusion: the consumption of information and communication technologies (ICT's) in homeless subculture in central Scotland. *The Journal of Community InformaTIC*, Vancouver, C.A.: Centr for Community Informatics Research, training and Development, v.2. Disponível em <http://ci-journal.net/ondex.php/ciei/article/view/252/212> Acesso em maio de 2011.
- ECO, H. (2007). *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Presença.
- EISENBERG, E. M., GOODALL, H. L. & TRETHERWEY, A. (2007). *Organizational communication: Balancing creativity and constraint*. Bedford: St. Martin's.
- ENTIDADE REGULADORA DA COMUNICAÇÃO (2008). *Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social*. Lisboa: ERC.
- ESTANQUE, E. (2011). "Cultura estudantil, «Repúblicas» e participação cívica na Universidade de Coimbra", in Victor Sérgio Ferreira (org.). *Jovens & Rumos*, 19, pp.395-414. Lisboa: ICS.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2010). *Anuários Estatísticos Regionais*. Lisboa: INE (<http://www.ine.pt/xportal/>) Acedido em Abril de 2011.
- JENKINS, H. (2006). *Cultura da Convergência*. São Paulo, Aleph.
- KRIZEK, R. (2003). "Ethnography as excavation of personal narrative". In: Clair, R. (Ed.) *Ethnography: Novel approaches to qualitative methods*, pp. 141-152. Albany: State University of New York Press.
- NUNES, J. A. & ESTANQUE, E. (2003). "Dilemas e desafios da Universidade: Recomposição social e expectativas dos estudantes na Universidade de Coimbra", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp.5-44.
- OBBERCOM (2009). *A Sociedade em rede em Portugal: multitasking e preferências de media na sociedade em rede*. Lisboa: Obercom.
- OBBERCOM (2009). *Sociedade em rede em Portugal 2008: a internet*. Lisboa: Obercom.
- OBBERCOM (2010). *A utilização da Internet em Portugal 2010*. Lisboa: Obercom
- OBBERCOM (2010). *Nativos digitais portugueses: idade, experiência e esferas de utilização das TIC*. Lisboa: Obercom: Flash Report
- OBBERCOM/CIES Research Team (2010). *World internet Project: Portugal in the Internet Project*. Lisboa: Obercom.
- RANCI, C. (2005). Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. In: A. MELUCCI, ed. *Por uma sociologia reflexiva, pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, pp. 43-66.
- ROBERTS, D. F., FOEHR, U. G., & RIDEOUT, V. J. (2005). *Generation M: Media in the Lives of 8-18 year-olds*. USA: Kaiser Family Foundation.